

A REVELAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS EM APOCALIPSE 14: CONTEXTO, CONTEÚDO E CATEGORIZAÇÃO

João Luiz Marcon¹
Ademir Scottini Graf²

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender como o capítulo 14 de Apocalipse pode colaborar para um conhecimento mais profundo da justiça de Deus. Para tanto, foram utilizadas revisões bibliográficas e análises intertextuais. O trabalho foi dividido em três partes: a primeira discutiu o contexto em que Apocalipse 14 está inserido; a segunda parte centralizou-se em compreender o conteúdo da justiça de Deus dentro do Apocalipse 14; por fim, a terceira focou em categorizar a justiça de Deus e em demonstrar como Apocalipse 14 se relaciona com essa categorização. Foi possível perceber que Apocalipse 14 está revelando, em suas cenas, a justiça governativa, retributiva e remunerativa de Deus a todas as criaturas do Universo. Essas manifestações da justiça de Deus ajudam a compreender que o intuito do Senhor é de reivindicar seu Reino e vindicar seu caráter.

Palavras-chave: Apocalipse 14; Justiça; Ira; Juízo.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Received: 28/11/2024
Approved: 20/12/2024

Como citar: MARCON, J. L.; GRAF, A. S. A revelação da justiça de Deus em Apocalipse 14: contexto, conteúdo e categorização. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1661, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1661>

¹ Mestrado em Teologia Bíblica pela Escola Superior de Teologia — EST, Rio Grande do Sul, (Brasil). Doutorando em Teologia Sistemática pela Universidade Adventista del Plata — UAP, (Bolívia). E-mail: joao.marcon7@hotmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-3333-7297>

² Possui bacharelado e licenciatura em teologia pela Faculdade Adventista do Paraná — FAP, Paraná, (Brasil). Atualmente é pastor da igreja Adventista do Sétimo Dia. E-mail: ademir.graf@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0009-0001-4937-3903>



THE UNVEILING OF GOD'S JUSTICE IN REVELATION 14: CONTEXT, CONTENT AND CATEGORIZATION

Abstract

The theme of this article is the justice of God in Apocalypse 14. Thus, the objective is to understand the concept of divine justice, categorizing it according to its manifestation. For this purpose, bibliographic reviews and intertextual analyses were employed. The study was divided into three parts. The first part discussed the context in which Apocalypse 14 is situated. The second part focused on understanding the content that refers to God's justice within Apocalypse 14. Finally, the third part aimed at categorizing God's justice and how Apocalypse 14 relates to this categorization. Through studies involving the context, symbolism, and allusions in Apocalypse 14, it was possible to perceive that Apocalypse 14 reveals, in its scenes, God's governing, retributive, and rewarding justice toward all creatures in the Universe. These manifestations of God's justice help us understand that the Lord's purpose is to claim His Kingdom and vindicate His character.

Keywords: Revelation 14; Justice; Wrath; Judgment.

LA REVELACIÓN DE LA JUSTICIA DE DIOS EN APOCALIPSIS 14: CONTEXTO, CONTENIDO Y CATEGORIZACIÓN

Resumen

El tema que abarca el presente artículo es la justicia de Dios en Apocalipsis 14, siendo de esta manera, el objetivo comprender el concepto de justicia divina, categorizándola según su manifestación. Para ello, se utilizaron revisiones bibliográficas y análisis intertextuales. El trabajo se dividió en tres partes. La primera discutió sobre el contexto en el cual Apocalipsis 14 está insertado. La segunda parte se centró en comprender el contenido que remite a la justicia de Dios dentro del Apocalipsis 14. Por último, la tercera parte se enfocó en categorizar la justicia de Dios y cómo Apocalipsis 14 se relaciona con esta categorización. A partir de los estudios sobre el contexto, la simbología y las alusiones de Apocalipsis 14, fue posible percibir que Apocalipsis 14 está revelando, en sus escenas, la justicia gubernativa, retributiva y remunerativa de Dios a todas las criaturas del Universo. Estas manifestaciones de la justicia de Dios ayudan a comprender que la intención del Señor es reivindicar Su Reino y vindicar Su carácter.

Palabras clave: Apocalipsis 14; Justicia; Ira; Juicio.



INTRODUÇÃO

Há uma lacuna na literatura a respeito da justiça de Deus em Apocalipse 14, e é diante dessa escassez de estudos e da necessidade de se conhecer adequadamente o caráter de Deus que a produção deste trabalho é justificada. O intuito desta pesquisa é promover à comunidade acadêmica uma proposta de aprofundamento da compreensão de Apocalipse 14, bem como demonstrar a maneira como o capítulo revela o caráter justo de Deus. Portanto, o problema que este artigo aborda é: como Apocalipse 14 revela a justiça de Deus?

Para responder à questão, o objetivo geral do trabalho é perceber a maneira como a justiça de Deus se revela em Apocalipse 14, o que será feito por meio de três seções. A primeira se concentra em apresentar o contexto de Apocalipse 14. A segunda centralizou-se em compreender o conteúdo que remete à justiça de Deus dentro do Apocalipse 14. Por fim, a terceira focou em categorizar as faces da justiça de Deus e o modo como Apocalipse 14 se relaciona com essa categorização.

Para cumprir tais objetivos, o artigo utiliza duas metodologias: 1) revisão bibliográfica e 2) análise intertextual³ de Apocalipse 14⁴. Para desenvolver a primeira metodologia, foram usadas fontes primárias e secundárias, artigos e obras de referência em Apocalipse e sobre o tema da justiça divina. Para executar a segunda metodologia, além de pesquisas a fontes primárias e secundárias, foram desenvolvidos estudos das possíveis alusões e seus respectivos significados no Apocalipse de João.

Para a apresentação dos textos em português, foi utilizada a Almeida Revista e Atualizada e, para a apresentação dos termos gregos, o Novo Testamento em Grego Nestle-Aland, 28ª.⁵

³ A intertextualidade é o nome dado à situação em que um texto apresenta uma reutilização por parte do autor bíblico de textos, imagens e metáforas, da sua época e de épocas passadas, para compor um pensamento ou um conceito teológico. Para um estudo mais aprofundado sobre o assunto, é recomendado a leitura dos seguintes autores: Masotti e Leite (2009), Beale (2013), Koch e Elias (2008), Moyise (1995) e Paulien (1987).

⁴ Por ser um estudo com foco na análise bibliográfica existente e na compreensão da intertextualidade presente em Apocalipse 14, o estudo não evidenciará uma exegese.

⁵ Vale destacar que Apocalipse 14 não possui nenhuma variante textual significativa (Omanson, 2010, p. 561-564).



ANALISANDO O CONTEXTO DE APOCALIPSE 14

O livro de Revelação de João se destaca entre os livros do cânon bíblico por sua complexidade. Essa distinção deve-se, em grande parte, à sua linguagem simbólica e alusiva, característica que permeia suas páginas e torna sua interpretação um desafio. A riqueza de imagens e referências exige do leitor um esforço adicional para compreender seu significado, muitas vezes demandando um conhecimento prévio e profundo das Escrituras (Antigo e Novo Testamentos) e do contexto histórico em que foi escrito. Praticamente quase todos os livros do Cânon estão presentes nele (Reis, 2016, p. 153; Osborne, 2014, p. 13; Stefanovic, 2002, p. 18, 22).

Por isso, é necessária uma metodologia apropriada para obter o sentido do seu texto. Essa metodologia deve contemplar, além de certo nível de conhecimento do Antigo Testamento e do Novo Testamento, a exploração do simbolismo, das alusões e dos ecos dentro das próprias fontes de formação do seu conteúdo, bem como demais literaturas e expressões culturais do tempo passado e presente do escritor (Stefanovic, 2002, p. 17-18; Paulien, 2007).

Outro recurso útil para entender a mensagem do Apocalipse tem a ver com sua estrutura, uma vez que essa é uma obra bem estruturada. Stefanovic (2002, p. 28-45, 365) comenta que há divergentes formas de se compreender a estrutura do livro, podendo ser dividido tanto em blocos temporais, conduzidos pela própria narrativa do livro, quanto por seus temas⁶.

Sob a perspectiva do autor (Stefanovic, 2002, p. 28-45, 365), Apocalipse 14 está inserido em um bloco temporal, mas também temático. É um capítulo de transição entre profecias relacionadas, principalmente, com o futuro da Igreja nos séculos posteriores à morte de João e profecias cuja marca são os eventos finais da história do pecado no mundo.

Em relação ao tema, o contexto de Apocalipse 14 tem como centro o grande conflito entre dois grupos: Cristo e seus seguidores, de um lado, e Satanás e os seus adeptos, do outro.

⁶ Ao ler o Apocalipse, Stefanovic (2002, p. 28-45, 365) menciona que se pode perceber uma divisão do livro em vários blocos. Entre eles, o pesquisador comenta que há possibilidade de dividir em dois blocos principais. O primeiro começa em Apocalipse 1 e se estende até Apocalipse 11:19. Neste bloco é retratada a Era Cristã desde o tempo da ascensão de Cristo aos lugares celestiais até seu retorno à terra. O segundo bloco é iniciado em Apocalipse 12 e se estende até pouco antes do fim do livro, em Apocalipse 22:5 e evidencia o tempo do fim e os eventos finais da história do mundo. Há também a possibilidade de que o livro seja dividido em blocos de sete (sete igrejas, sete selos, sete trombetas e sete taças). Outra forma de dividir o livro é por meio das aparições do santuário, de forma que o livro seja dividido em nove seções, contando o prólogo e o epílogo: (1) 1:1-8; (2) 1:9 – 3:22; (3) 4:1 – 8:1; (4) 8:2 – 11:18; (5) 11:19 – 15:4; (6) 15:5 – 18:24; (7) 19:1 – 21:1; (8) 21:2 - 22:5; (10) 22:6-21.



Tal conflito envolve principalmente a escolha entre adorar a Deus ou ao arquí-inimigo (Marcon, 2019, p. 86-87). Por isso, os conteúdos revelados em Apocalipse 14 não são escritos de modo isolado do livro, mas fazem conexão a um contexto maior.

Além disso, Apocalipse 14 faz parte de um bloco temático que é introduzido pela visão da arca da aliança no céu no capítulo 11:19⁷, e se estende até o capítulo 15:2-4 (Altink, 1984, p. 193; Shea, 2000, p. 217). É verdade que cada capítulo desse bloco apresenta um subtema predominante. Contudo, o tema geral do livro, assim como o tema específico do bloco, está presente em todos os capítulos envolvidos, interligando-os entre si e com o capítulo 14 (Shea, 2001, p. 165).

Apocalipse 11:19, o versículo introdutório da seção analisada, tem uma função importante. Nesse verso, o santuário celestial é aberto e a arca da aliança fica à exposição, o que remete ao *Yom Kippur*, o único dia em que o Santíssimo era aberto. Esse dia envolvia julgamento no acampamento, uma vez que quem não compactuava com o momento era removido do antigo Israel. Além disso, nesse dia ocorria também a remoção final do pecado do meio do povo (Shea, 2000, p. 217-219).

No Dia da Expição, no Antigo Testamento, a justiça de Deus podia ser contemplada de três maneiras. A primeira delas é por meio da morte de animais em favor do ser humano, sacrifício que evidencia a graça de Deus. A segunda é pela lei, que estava dentro da arca da aliança. Com a presença das tábuas do decálogo, a justiça punitiva de Deus era revelada (Doukhan, 2008, p. 114). Por fim, a justiça era feita pela eliminação tanto das consequências do mal quanto daqueles que se colocavam em rebelião contra a lei divina. Desse modo, a função de Apocalipse 11:19 é revelar que a seção que se inicia tratará do juízo de Deus, de sua justiça e da esperança para o povo de Deus (Doukhan, 2008, p. 116; Shea, 2000, p. 218-219).

Apocalipse 12 mostra que Satanás é a raiz de todo mal. Ele é o originador da perseguição aos cristãos e é ele quem comanda os poderes que perseguem a igreja fiel. Contudo, o mesmo capítulo relata que Satanás foi vencido por Miguel, um dos títulos de Jesus (Dorneles, 2014, p. 896), pois é o Senhor dos Exércitos, Aquele que morreu e ressuscitou, que delimita o tempo em que o diabo pode fazer mal aos cristãos (Beale, 1999, p. 622-623).

⁷ Para alguns autores, Apocalipse 11:19 possui dupla função no texto. Ao mesmo tempo que encerra a visão das sete trombetas, introduz a nova seção do livro (Thomas, 1995, p. 113; Gonzalez, 2013, p. 20). Para outros, está apenas introduzindo a visão que começa no capítulo 12 (Müller, 1998, p. 273-276; Stefanovic, 2002, p. 367-368).



O capítulo 13 continua a revelação e evidencia os poderes satânicos sendo personificados em duas bestas, uma que surge do mar e uma que surge da terra. Essas bestas, controladas pelo dragão de Apocalipse 12, possuem como objetivo conduzir a humanidade à transgressão dos quatro primeiros mandamentos do decálogo (Marcon, 2022, p. 20; Ashcraft, 1987, v. 12, p. 370). Além disso, a linguagem utilizada em Apocalipse 13 leva o leitor a ter uma percepção de derrota e desânimo (Bingham, 1993, p. 129).

Nesse contexto, Apocalipse 14 visa incentivar a esperança aos santos e revelar a certeza da vitória de Jesus Cristo (Ladd, 1980, p. 507) e dos filhos de Deus, descritas na cena dos 144 mil vitoriosos sobre o Monte Sião. Na sequência, o autor relata um comunicado divino de boas novas e juízo contidos nas três mensagens angélicas. Por fim, é descrito o final da história humana, com a vitória dos seguidores do Messias e a justiça de Deus sendo aplicada aos transgressores dos 10 mandamentos, os seguidores do dragão e das duas bestas (Marcon, 2022, p. 21; Kistemaker, 2004, p. 507, 515-516, 527).

Em resumo, esses três capítulos formam uma unidade porque há interligação de temas com uma progressão até o seu clímax. Inicia com a abertura do santuário celestial, onde é vista a arca da aliança, em uma cena de *Yom Kippur*; em seguida, apresenta a origem do mal e como ele está presente nos poderes liderados pela união entre Satanás e os seres humanos pecadores; e conclui com a eliminação final do mal e a vitória da Igreja.

Em sua maioria, as conexões encontradas entre os capítulos 13 e 14 são de contrastes bem distintos. João apresenta em seus escritos dois seres pedindo adoração para si, cada um com um sinal próprio e uma mensagem particular, bem como dois grupos de adoradores e consequências diferentes para cada grupo (Aguiar, 2022, p. 361-362, 408-409; Stefanovic, 2002, p. 435; Osborne, 2014, p. 588; Shea, 2000, p. 230). O Quadro 1 visa apresentar de forma sistemática os contrastes mencionados.



Quadro 1 — Contraste entre Apocalipse 13 e Apocalipse 14

Apocalipse 13	Apocalipse 14
A besta busca adoração para si (13:4)	O Deus verdadeiro busca adoração para si (14:7)
Adoradores da besta (13:8)	Adoradores do Deus verdadeiro (14:1-5)
A marca da besta (13:16)	O selo do Deus verdadeiro (14:1)
Os adoradores de Deus serão mortos (13:7, 15)	Os adoradores de Deus receberão a recompensa [a vida eterna] (14:13)
Aqueles que adoram a besta são poupados da morte (13:11, 14-17)	Aqueles que adoram a besta são destruídos pelo Cordeiro (14:9-11)
Mensagens da besta (13:1-18)	Três mensagens de Deus (14:6-13)

Fonte: Autores, 2024.

Por fim, Apocalipse 15:1-4 descreve os vitoriosos junto ao mar de vidro, uma alusão à vitória que Deus deu a Israel sobre o Egito, quando da travessia do mar Vermelho. Os redimidos e vitoriosos cantam o cântico de Moises e do Cordeiro, louvando a Deus por ser justo em condenar os injustos e vindicar os justos, livrando-os das mãos daqueles que tentaram destruí-los por negarem aceitar a mensagem da falsa trindade (dragão, besta do mar e besta da terra (Shea, 2016, p. 218-219; Marcon, 2022, p. 21; Thomas, 1995, p. 228; Kistemaker, 2004, p. 538).

Adicionalmente, Beale (1999, p. 621-622) sugere que todo o contexto pode ser dividido em 6 seções: (1) Apocalipse 12; (2) Apocalipse 13:1-10; (3) Apocalipse 13:11-18; (4) Apocalipse 14:1-5; (5) Apocalipse 14:6-13; (6) Apocalipse 14:14-20.

Isso posto, faz-se necessário analisar Apocalipse 14 para compreender como a justiça do Senhor é revelada sobre os justos e ímpios.

ESTUDANDO APOCALIPSE 14

Para realizar o estudo de Apocalipse 14, serão evidenciados termos e palavras inseridos por João que contribuam para uma melhor compreensão da justiça de Deus. Esta seção será dividida em 3 subseções, utilizando-se da divisão sugerida por Beale na seção anterior.

APOCALIPSE 14:1-5 E OS 144 MIL

Apocalipse 14 inicia com uma descrição da adoração e das características dos adoradores do Deus verdadeiro. Este é o texto de Apocalipse 14:1-5:



Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na fronte escrito o seu nome e o nome de seu Pai. Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tocam a sua harpa. Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.

O capítulo começa com uma descrição de Jesus sobre o monte Sião junto com os 144 mil, os quais cantavam um cântico novo. Essa descrição é relevante porque a palavra Sião é pouco usada como referência à habitação do Senhor e de seu povo. O termo “monte Sião” aparece menos de 20 vezes no Antigo Testamento, das quais nove retratam um remanescente sendo salvo mediante o nome de Deus ou o seu governo. Os textos de 2 Reis 19:31 e Isaías 4:2-3 nos ajudam a perceber o reuso desse termo e a simbologia presente (Beale; McDonough, 2014, p. 1376).

Um texto significativo para a compreensão dessa seção de Apocalipse 14 é o de Joel 2:32, que parece ser a passagem utilizada por João na construção do seu pensamento. Joel afirma que, no monte Sião, Deus exercerá Seu poder e salvará Seu povo. É possível dizer que Apocalipse 14 é o cumprimento de Joel 2:32 (Stefanovic, 2002, p. 436-438).

A descrição mencionada também chama a atenção pela sua semelhança com a história do dilúvio. É notório que as duas descrições apresentam semelhanças, uma vez que, nos dois relatos, Deus lembrou do seu povo e os fez repousar sobre uma montanha (Shea, 2000, p. 230).

Stefanovic (2002, p. 437-438) afirma que os 144 mil são o mesmo povo descrito em Apocalipse 7, contudo agora sob uma nova perspectiva. Enquanto em Apocalipse 7 eles são selados para resistirem à ira escatológica de Deus, Apocalipse 14 apresenta-os no Monte Sião, possuindo a vitória que lhes foi destinada e sendo libertos do sofrimento imposto pelos poderes do mal.

Esse é o primeiro momento em que Apocalipse 14 se relaciona com seu capítulo anterior. João, aqui, apresenta os vitoriosos do conflito que envolveu a falsa trindade em Apocalipse 13. O verbo grego *αγοραζω* (*agorazō* = comprar) é uma das evidências para essa



ligação, uma vez que ocorre nos capítulos 13 e 14 (ver Ap 13:17; 14:3) (Shea, 2001, p. 165; Osborne, 2014, p. 588).

Quando, porém, é vinculado com o contexto de cada capítulo, é possível perceber certa distinção no uso desse verbo. Enquanto em Apocalipse 13:17 ele é utilizado para demonstrar como uma submissão coercitiva à besta seria gerada, em Apocalipse 14:3 é utilizado para descrever a salvação amorosa do Senhor Deus ao seu povo (Osborne, 2014, p. 588; Dorneles, 2014, p. 910).

Os 144 mil possuem um selo distinto quando comparados aos adoradores da besta. Eles são vistos como possuidores do nome de Jesus Cristo e de seu Pai em suas testas, enquanto os adoradores da falsa trindade possuem o nome da besta. O selo é um sinal que demonstra três situações dos adoradores: (1) conciliação com Deus ou com a Besta; (2) cidadania celestial ou terrena; (3) adoração pactual a Deus ou a Satanás (Marcon, 2022, p. 13, 20; Stefanovic, 2002, p. 438).

O texto concede outras características aos 144 mil: diz, por exemplo, que esses remanescentes não se macularam com mulheres, retratando-os como castos. Essa afirmação não deve ser novidade para o leitor do AT, uma vez que o texto veterotestamentário é recheado de referências a Israel como virgem (ver Is 37:22; Jr 14:17), ou então revela Israel se “prostituindo” (ver Ez 23; Jr 3:1-10). O conceito de “virgindade” está associado à fidelidade de Israel a Deus por meio do pacto, enquanto a palavra prostituição refere-se à infidelidade na guarda dos mandamentos presentes na lei de Deus, conforme Êxodo 20:1-17. É nesse sentido que o autor de Apocalipse utiliza tal simbologia, revelando que os 144 mil são pessoas fiéis a Deus (Beale; McDonough, 2014, p. 1377; Stefanovic, 2002, p. 437), obedecendo aos seus mandamentos (ver Ap 12:17; 14:12).

Eles também são chamados de “primícias”. Esse termo retrata uma linguagem do Antigo Testamento relacionada à colheita dos primeiros e melhores frutos e seu oferecimento a Deus, retratando um ato de gratidão do agricultor, pela colheita que viria a seguir. A expressão também é utilizada para se referir ao povo separado de Deus, como em Jeremias 2:3. Dessa forma, ao aplicar o termo aos 144 mil, o texto coloca-os como um grupo especial separado para Deus antes do ajuntamento de todos os salvos, como uma garantia de que a promessa da colheita final acontecerá (Stefanovic, 2002, p. 437; Osborne, 2014, p. 594; Dorneles, 2014, p. 914).



O texto também afirma que não há mentiras em sua boca e que eles não possuem mácula. O termo usado para mentira é *ψεῦδος* (*pseudos* = mentira), o qual é utilizado por João em 1 João 2:21-22 para se referir ao ato de falar uma mensagem que não é procedente do Senhor, e não necessariamente à ação de afirmar como verdadeiro aquilo que não é. No caso particular dos 144 mil, o vocábulo parece se direcionar para a afirmação de que eles não trocaram a verdade de Deus pelos enganos da falsa trindade (Stefanovic, 2002, p. 437, 440; Osborne, 2014, p. 595; Aguiar, 2022, p. 361-362).

O fato de os 144 mil não possuírem mácula pode dar uma impressão de impecabilidade. Contra isso, Stefanovic (2002, p. 440) faz um comentário interessante: não é encontrada culpa nos 144 mil porque em Jesus não há culpa. Dessa forma, a perfeição de caráter desse grupo não será um traço absoluto seu, mas uma consequência de sua fidelidade a Cristo. Indo na mesma direção, Beale e McDonough (2014, p. 1377) mencionam que a linguagem de Apocalipse 14:1-5 é semelhante àquela encontrada em Sofonias 3:11-14, e a razão para isso é que nos dois textos parece haver a presença de um remanescente que não fala mentiras nem comete iniquidade e é salvo em um santo monte. Assim, parece que Sofonias prediz algo que será cumprido na visão de João.

Shea (2000, p. 231) ainda afirma que os mandamentos do decálogo fazem parte do conteúdo do capítulo, presentes nas características dos 144 mil. Os fatos de que os remanescentes não se contaminaram com mulheres, não disseram nenhuma mentira e tampouco tomaram o nome do Senhor seu Deus em vão, remetem à linguagem do sétimo, nono e terceiro mandamentos.

Dessa forma, em Apocalipse 14:1-5, é possível perceber tanto o juízo, quanto a justiça de Deus em salvar o justo. Tomando as imagens e alusões do Antigo Testamento, como referido anteriormente com os livros de 2 Reis 19:31, Isaías 4:2-3, Joel 2:32 e Sofonias 3:11-14, o juízo de Deus é revelado como certo e eficaz, salvando não qualquer um, mas todo aquele que decidiu ter o nome do seu Pai e do Cordeiro na testa e a não se contaminar com as mentiras da falsa trindade. A esses, os comprados da terra, os que decidiram ouvir as mensagens dos três anjos, é concedida a alegria celestial (Shea, 2000, p. 230-231; Osborne, 2014, p. 596).



APOCALIPSE 14:6-13 E AS MENSAGENS

Ao adentrar na segunda seção do capítulo, o leitor se depara com uma série de informações que são divididas em três partes. Cada uma é introduzida pela visão de um anjo e de uma mensagem. As mensagens estão relacionadas entre si e possuem o objetivo de demonstrar como Deus reivindicará seu governo, salvará os seres humanos e colocará fim ao pecado. Todo esse excerto de Apocalipse 14 é preenchido com a noção de que chegou a hora do juízo. Por essa razão, as mensagens propõem revelar ações benéficas para o povo de Deus, mesmo que tais mensagens ocasionem consequências ruins para os infiéis (Taylor, 1980, p. 40; Aguiar, 2022, p. 380).

Apocalipse 14:6-13 e a primeira mensagem

O texto de Apocalipse 14:6-7 diz:

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

A expressão “evangelho” chama a atenção, pois o Apocalipse apresenta uma única vez esse substantivo. João ainda acrescenta a ela o adjetivo “eterno”, fazendo referência à perpetuidade ou à origem divina dessa boa-nova. Tal adjetivo permite entender que a mensagem do “evangelho” é uma que sempre existiu, antes mesmo da criação do mundo (Kistemaker, 2004, p. 516; Marcon, 2019, p. 72, 81).

A respeito da palavra “eterno”, Marcon (2019, p. 80-81) comenta:

εὐαγγέλιον [*euangelion* = evangelho] só é usado no Novo Testamento tendo o sentido da mensagem da boa nova da salvação de Deus em Cristo. Assim, no Novo Testamento não há outra boa nova a não ser o plano de Deus para salvar pessoas de cada nação, tribo, língua e povo (Ap 14.6 em paralelo com Mt 24.14). O termo é usado para a verdadeira mensagem de salvação pela graça de Deus, justificando o pecador, através da propiciação e redenção em Cristo (Rm 3.24-26) que resulta na criação de um novo ser humano em Cristo Jesus, para boas obras (Ef 2.8-10).

Em outras palavras, é a mensagem que começou na eternidade, foi prevista pelos profetas do Antigo Testamento, proclamada pelos apóstolos a partir do Pentecostes e



anunciada por Paulo e por toda a igreja cristã. Essa é a mensagem de Cristo, sua vida, morte, ressurreição, sua ascensão ao céu e seu breve retorno à Terra, trazendo julgamento com recompensas e castigos para a humanidade. (Stefanovic, 2002, p. 442; Taylor, 1980, p. 36-37; Marcon, 2019, p. 74, 81).

É verdade que poucos estudiosos veem uma relação clara entre o Apocalipse de João e os escritos de Paulo, principalmente no que se refere ao livro de Romanos. Isso se dá porque o livro do Apocalipse é repleto de símbolos, números, provocações envolvendo fogo e ações sem misericórdia. Em contrapartida, Romanos apresenta de forma mais clara, isto é, menos simbólica, o evangelho gracioso e misericordioso (Choi, 2009, p. 224).

Contudo, Choi (2009, p. 224-225) comenta que há mais semelhanças do que se percebe em uma primeira leitura. Como exemplo de similaridade, Romanos 1:14-32 e Apocalipse 14:6-12 ganham destaque. Nos dois trechos, são apresentados o universalismo do evangelho (ver Rm 1:15-17; Ap 14:6) e a ira de Deus (ver Rm 1:18; Ap 14:10), e em ambos a ira de Deus é inserida no contexto da idolatria (ver Rm 1:23; Ap 14:9-11). Os dois textos também apresentam a idolatria conectada à moralidade (ver Rm 1:24-32; Ap 14:8). Com isso, é possível dizer que a linguagem do Apocalipse possui certa dependência em Romanos, principalmente no que refere ao julgamento.

O leitor atento perceberá que Jesus não é mencionado no contexto em que o evangelho eterno aparece, isto é, Apocalipse 14:6-7. Tal fato, porém, é explicado pelo contexto maior do livro. Em Apocalipse 1:9, é dito que Jesus libertou seu povo por meio do seu sangue redimidor, e isso é repetido outras vezes, como em Apocalipse 5:6, 9-11; 7:9, 13-17. No contexto imediato, tanto Apocalipse 12:11, quanto Apocalipse 13:8 mencionam a Jesus Cristo (Marcon, 2019, p. 24-25, 80-82).

A mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14 convida os ouvintes a temerem a Deus e a darem glória a ele — duas expressões que aparecem tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. João apresenta o ato de temer a Deus e de dar-Lhe glória como interligados. Temer a Deus refere-se a cultivar um relacionamento correto com ele, enquanto dar-Lhe glória implica em uma vida de obediência (Stefanovic, 2002, p. 441, 443).

Juntamente com o primeiro convite, o anjo anuncia um convite para a adoração. Essa temática será o ponto-chave da história do tempo do fim. João apresenta o verbo *προσκυνέω* (*proskyneō* = adorar) 24 vezes no seu livro, sendo que 8 menções estão registradas em



Apocalipse 13-14, o que leva a crer que o ato de adorar é um ponto central nesses capítulos (Aguiar, 2022, p. 383).

Apocalipse 14 contrasta a adoração a Deus e a adoração à falsa trindade. Nesse enredo, a diferenciação entre os santos e os ímpios está no alvo da adoração de cada grupo, e não propriamente na falta de adoração por parte dos ímpios. Enquanto os santos adoraram a Deus, os ímpios adoram a falsa trindade (Anderson, 1988, p. 169; Aguiar, 2022, p. 383; Osborne, 2014, p. 601).

Todavia, ao conectar o ato de adorar à descrição da criação, o texto procura demonstrar a diferença entre Deus e a falsa trindade. Enquanto Deus é apresentado com a linguagem do quarto mandamento, revelando sua onipotência, soberania e sua posição de criador, o dragão e as bestas são categorizados como criaturas insignificantes (Ladd, 1980, p. 144; Stefanovic, 2002, p. 445; Aguiar, 2022, p. 383; Osborne, 2014, p. 602).

A expressão “cada nação, tribo, língua e povo” ajuda a compreender o alcance da mensagem. Ela deve ser ouvida por todos, tendo um alcance mundial. A expressão mencionada é utilizada diversas vezes no Apocalipse e em todas as ocasiões têm o sentido de um vasto alcance (ver Ap 5:9; 7:9; 10:11; 11:9; 17:15) (Kistemaker, 2004, p. 516-517).

Apocalipse 14:8 e a segunda mensagem

O segundo anjo aparece no texto proclamando a seguinte mensagem: “Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição.” (Apocalipse 14:8).

Pelo menos duas coisas chamam a atenção no texto: a flexão apresentada do verbo *πίπτω* (*riptō* = cair) e sua repetição. O verbo *πίπτω* é encontrado no aoristo proléptico, que normalmente indica um evento que ainda não ocorreu, mas que é demonstrado como se já tivesse ocorrido. Por sua vez, a repetição é uma prática utilizada pelos escritos antigos para demonstrar ênfase. Dessa maneira, em seu início, o texto traz a certeza de que a Babilônia cairá (Wallace, 2009, p. 563; Osborne, 2014, p. 602; Kistemaker, 2004, p. 519; Aguiar, 2022, p. 389).

Toda a expressão é retirada do Antigo Testamento, em especial da junção de dois textos, Isaías 21:9 e Daniel 4:30. Em Isaías 21:9 é declarado: “caiu, caiu Babilônia”, em um contexto de idolatria. Em Daniel 4:30, o termo “grande Babilônia” ocorre mediante um contexto de julgamento. Sendo assim, essa intertextualidade colabora para a compreensão de



que o juízo de Deus não falhará, tendo como precedente o juízo já realizado no passado (Beale; McDonough, 2014, p. 1378; Kistemaker, 2004, p. 519).

Segundo o anjo, o juízo contra a grande Babilônia ocorrerá por razão da sua terrível ação de levar outras nações da Terra a se embriagar com o vinho da sua prostituição, linguagem semelhante à apresentada em Jeremias 51:7-8 e repetida por João em Apocalipse 18:3. O ato de prostituição é o antônimo de se manter casto na literatura do Apocalipse de João, característica que está presente nos 144 mil e que já foi explorada no início deste trabalho. Portanto, é possível perceber que a Babilônia leva as nações a serem infiéis a Deus por meio da idolatria e da desobediência aos mandamentos de Deus (Doukhan, 2008, p. 138-140).

Por fim, percebe-se no texto a ocorrência da palavra “fúria”. Isso é importante porque sua combinação com a linguagem apresentada em Jeremias demonstra que as nações, ao beberem o vinho da prostituição, se embebedam com a ira de Deus, a qual levará à destruição dos embriagados (Osborne, 2014, p. 603-604; Dorneles, 2014, p. 919; Stefanovic, 2002, p. 447; Earle, 2006, p. 471).

Apocalipse 14:9-13 e a terceira mensagem

Segue, então, outro anjo que dá voz a uma mensagem, a terceira:

Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. (Ap 14:9-12)

A terceira mensagem apresenta a falsa adoração e sua consequência sobre os adoradores. O centro dessa mensagem é a idolatria e a quebra dos primeiros quatro mandamentos da lei e Deus, e ela destaca o recebimento do sinal da besta e o julgamento dos idólatras (Osborne, 2014, p. 604; Aguiar, 2022, p. 391; Marcon, 2022, p. 19-20).

As consequências negativas de se receber o sinal da besta constituem mais um contraste com Apocalipse 13. João, em Apocalipse 13:15, mostra o sinal da besta como uma



marca que previne o sofrimento dos ímpios e gera a morte dos justos. Contudo, ao apresentar a mesma marca em Apocalipse 14, João demonstra uma nova perspectiva, já que aqueles marcados com tal sinal se tornarão o alvo da ira de Deus (Earle, 2006, p. 471; Stefanovic, 2002, p. 453).

A ira é demonstrada aqui por meio da linguagem simbólica do consumo de vinho. Essa linguagem é uma reutilização de expressões veterotestamentárias que expõem a ira de Deus sendo destinada à humanidade por meio do vinho, como em Jó 21:20, Salmos 75:8, Isaías 51:17 e Jeremias 25:15 (Ashcraft, 1987, v. 12, p. 373; Beale; McDonough, 2014, p. 1378). João utiliza tal linguagem pela segunda vez nesse contexto com a finalidade de demonstrar que a consequência de se beber do vinho da prostituição descrito em Apocalipse 14:8 é consumir o vinho da ira de Deus. (Osborne, 2014, p. 605; Kistemaker, 2004, p. 521; Beale, 1999, p. 759; Moyise, 1995, p. 123).

Contudo, há uma diferença entre as duas ocorrências: a expressão “sem mistura” só aparece na terceira mensagem. Essa expressão, quando utilizada juntamente com o vinho, poderia demonstrar duas situações. A primeira seria a prática de adicionar especiarias ao vinho e assim torná-lo mais intoxicante. E a segunda maneira, seria diluí-lo com água e torná-lo menos intoxicante⁸ (Stefanovic, 2002, p. 450). João utiliza-se dessa expressão para mostrar que a ira do Senhor não será limitada, tampouco com efeitos passageiros, mas que o juízo do Eterno terá um efeito forte, assim como o efeito do vinho sem diluição de água (Beale, 1999, p. 760).

A aplicação da ira de Deus é uma terrível notícia para os ímpios, uma vez que o texto revela que eles serão atormentados com fogo e enxofre, que queima para sempre, produzindo uma fumaça (Ap 14:11). A linguagem de fogo e enxofre é encontrada em Gênesis 19:24, no relato de Sodoma e Gomorra, onde Moisés revela que as cidades foram destruídas por um fogo e enxofre eternos. De modo semelhante, é encontrada também em Isaías 34:8-10, passagem em que o profeta revela o destino de Edom e que sua destruição ocorreria por fogo e enxofre e teria uma duração eterna (Osborne, 2014, p. 606; Beale, 1999, p. 760-762). Contudo, ao observar atentamente, percebe-se que o termo “fogo eterno” não se refere a uma

⁸ Os gregos realizavam a segunda prática dividindo em partes iguais a água e o vinho em um vaso denominado “cratera” (Kistemaker, 2004, p. 521-522).



queima interminável, mas sim a um fogo que persiste até que o alvo seja completamente consumido (Stefanovic, 2002, p. 450-451).

A fumaça que é produzida durante a queima é um lembrete perpétuo do juízo divino e de sua justiça (Thomas, 1995, p. 211). Todo esse cenário é desenvolvido diante dos anjos e do Cordeiro, o que permite a reflexão de que, durante o tormento dos ímpios, haverá um reconhecimento por parte deles de quem de fato é o vencedor do conflito cósmico (Beale, 1999, p. 759-760).

Após as notícias terem sido reveladas por João, o profeta se dirige aos justos. João afirma que tudo que lhe foi revelado deve servir de amparo à fé dos justos. Os santos devem perseverar, mesmo em face do sofrimento, pois a vitória do Cordeiro é certa (Kistemaker, 2004, p. 523-524; Doukhan, 2008, p. 141-142; Beale, 1999, p. 766; Stefanovic, 2002, p. 454). Assim, pode-se concluir que as mensagens dos três anjos ajudam a preparar a Terra para que a colheita descrita em Apocalipse 14:14-20 possa acontecer (Aguiar, 2022, p. 393), uma vez que um Deus justo não realizará um juízo sem um aviso prévio.

Apocalipse 14:13 e a bem-aventurança

Após as mensagens, João escuta uma voz no céu que proclama uma bem-aventurança, a segunda das sete registradas no livro (ver Ap 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14). A mensagem ouvida por João proclama uma promessa aos piedosos que morreram mediante o serviço prestado ao Senhor. A esses é destinado descanso, pois suas obras os acompanham. O descanso aqui mencionado é usado como contraste para a vida sem descanso dos seguidores da trindade satânica. Já as obras aqui referidas são aquelas que identificam os santos no versículo anterior, isto é, a obediência à lei e a fé em Jesus, obras que revelam a fé interior. A promessa de recompensa serve de amparo e motivação aos justos, para que eles não se curvem à besta. Essa é a esperança da ressurreição. (Stefanovic, 2002, p. 455; Osborne, 2014, p. 608-609; Beale, 1999, p. 768; Bauckham, 1993, p. 92; Dorneles, 2014, p. 924).

APOCALIPSE 14:14-20 E AS COLHEITAS

A última subseção de Apocalipse 14 é a descrição das duas colheitas, clímax não apenas do capítulo, mas de todo o seu contexto. É em Apocalipse 14:14-20 que os detalhes do juízo



de Deus, anunciado nas três mensagens, são revelados (Osborne, 2014, p. 615; Aguiar, 2022, p. 409).

O retrato das duas colheitas é desvendado sob a perspectiva de juízo, conectando-se assim com as três mensagens angélicas, as quais buscam preparar as pessoas para o julgamento divino. A cláusula grega *ὅτι ἤλθεν ἡ ὥρα θερίσαι* (*hoti ēlthen he hora therisai* = pois chegou a hora de ceifar), apresentada em Apocalipse 14:15, se conecta com uma cláusula grega semelhante em Apocalipse 14:7, *ὅτι ἤλθεν ἡ ὥρα τῆς κρίσεως αὐτοῦ* (*hoti ēlthen he hora tēs kriseōs autou* = pois chegou a hora do seu juízo), indicando que aquilo que era uma expectativa de juízo em Apocalipse 14:6-7, passa a ser cumprida em Apocalipse 14:14-20.

Outro fator que fortalece a compreensão da conexão entre as duas seções é o arranjo literário que é desenvolvido entre Apocalipse 14:6 e Apocalipse 15:4. Os dois possíveis destinos da humanidade, por meio de suas escolhas, estão posicionados entre as mensagens dos três anjos e a visão dos vencedores da besta. Dessa forma, a conexão temática e estrutural que o próprio texto de Apocalipse 14 realiza entre si, juntamente com as conexões com Apocalipse 15, mostram, fortalecem e amparam a conexão entre as três mensagens e a cena das duas colheitas (Aguiar, 2022, p. 393-395; Osborne, 2014, p. 616).

O contexto de juízo é introduzido no versículo 14, em que a presença de um ser semelhante a um filho de homem, vindo sobre as nuvens, com uma coroa e uma foice, toma a cena. A manifestação desse ser estabelece uma estrutura paralela, na qual três anjos antecedem seu aparecimento (Ap 14:6, 8, 9) e outros três o sucedem (Ap 14:15, 17, 18). Os três primeiros anjos estão em comum acordo e proclamam mensagens de advertências que visam alertar sobre a iminente reivindicação do Reino de Deus. Por sua vez, os três últimos convocam a colheita para que o reino possa ser estabelecido. A centralidade do ser semelhante a filho de homem evidencia sua elevada posição e sua nobre função, que reside em possuir o domínio mundial eternamente. (Aguiar, 2022, p. 398; Osborne, 2014, p. 616-617; Kiesler, 2021, p. 476-478). Na Figura 1, a estrutura paralela é evidenciada.



Figura 1 — A estrutura paralela dos anjos em Apocalipse 14

O primeiro anjo proclamador (14:6)
O segundo anjo proclamador (14:8)
O terceiro anjo proclamador (14:9)
O ser semelhante a um filho de homem [Jesus Cristo] (14:14)
O primeiro anjo das colheitas (14:15)
O segundo anjo das colheitas (14:17)
O terceiro anjo das colheitas (14:18)

Fonte: Autores, 2024.

O ser descrito em Apocalipse 14:14 é Jesus. João utiliza uma linguagem já empregada por ele mesmo (ver Ap 1:13) para se referir ao Messias. O vidente de Patmos emprega também uma linguagem encontrada nos evangelhos e em Daniel 7. Ocorre que Jesus é retratado com uma coroa (*στέφανος/stephanos*), que emite o sentido de um ser vitorioso, e com uma foice, linguagem que remete a um contexto escatológico conforme as parábolas de Mateus 13:39-43 e Marcos 4:26-29.

A descrição de Cristo em cima de uma nuvem branca é uma imagem de Daniel 7, a qual está relacionada com uma visão de julgamento em favor dos santos injustiçados pelos poderes deste mundo, especialmente o quarto reino da terra, que persegue e mata os filhos do Altíssimo (ver Dn 7:9-13, 21-22). Também simboliza que a vinda de Cristo terá como objetivo exercer juízo sobre os maus e reivindicar seu Reino, dando a recompensa a seu povo fiel (ver Dn 7: 21-22, 23-27) (Stefanovic, 2002, p. 545, 547; Doukhan, 2008, p. 148-149; Aguiar, 2022, p. 400, 401).

A primeira colheita

A primeira colheita é descrita em Apocalipse 14:15-16, e refere-se à salvação dos santos de Deus (Kistemaker, 2004, p. 527; Ladd, 1980, p. 148). A figura de uma seara na terra é normalmente vista nas Escrituras como uma linguagem que remete ao julgamento dos justos e ímpios. Contudo, nessa passagem, duas palavras gregas contribuem para a compreensão de que ela se refere exclusivamente aos santos. O substantivo “colheita” (*θερισμός/therismos*) e o verbo “ceifar” (*θερίζω/therizo*) aludem exclusivamente ao ajuntamento dos grãos e não ao seu corte (Doukhan, 2008, p. 149).



Outro fator importante é a percepção de que o termo *ἐπί* (*epi* = sobre) ligado à palavra *γῆ* (*gē* = terra) ocorre na forma acusativa em Apocalipse 14:16 pela primeira e única vez no texto do autor. Esse uso provavelmente ocorreu devido a sua intenção de distinguir o sentido da colheita e diferenciá-lo do habitual uso dessa combinação de palavras. Nas outras vezes que João utiliza o termo *ἐπί* juntamente com a palavra *γῆ*, ele a utiliza no genitivo, e isso ocorre 19 vezes (ver Ap 3:10; 5:3, 10, 13; 6:10; 7:1; 10:2, 5, 8; 8:13; 11:10 [2x]; 13:8, 14 [2x]; 14:6; 16:18; 17:8; 18:24), tendo, normalmente, um significado negativo (ver 3:10; 6:10; 8:13; 11:10 [2x]; 13:8 [2x], 14; 17:8). Dessa forma, ao utilizar as palavras *ἐπί* e *γῆ* na forma acusativa, João evidencia que a colheita possui um sentido positivo (Aguiar, 2022, p. 404-406).

Também é possível perceber que tal passagem se refere aos piedosos por sua semelhança com a descrição feita por João Batista em Mateus 3:12. João Batista relata que Jesus reunirá o trigo no celeiro — linguagem para salvação — e queimará a palha — linguagem para destruição. O autor de Apocalipse descreve, na primeira colheita, somente um ajuntamento em um celeiro. Apenas na segunda colheita, estudada mais abaixo, ele relata uma destruição com mais detalhes (Aguiar, 2022, p. 406, 407).

A primeira colheita possui referências a mais de um texto bíblico. O texto alude de forma diversificada a Mateus 13:39-43 e 24:31 e a Marcos 4:29 e 13:27 (Stefanovic, 2002, p. 547). Contudo, Joel 3:13 também parece servir de pano de fundo para João, uma vez que tanto no relato de Joel, quanto no de João, a colheita dos santos ocorre mencionando a seara, e a colheita dos ímpios ocorre por meio das uvas (Stefanovic, 2002, p. 547; Osborne, 2014, p. 618).

Dessa forma, a primeira colheita demonstra um momento já mencionado por Cristo em Mateus 13:39 — “a ceifa é a consumação dos séculos” — e em Mateus 24:31 — “e ele enviará os seus anjos [...] os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus”. Portanto, essa colheita revela, por meio do ajuntamento dos grãos, uma cena de juízo em favor do povo santo de Deus, na qual Cristo recolhe os seus amados para não serem executados com os ímpios.

A segunda colheita

A segunda colheita é direcionada aos perversos (Kistemaker, 2004, p. 527 e 528; Ladd, 1980, p. 149). Olhando o texto, é possível encontrar uma expressão diferente da usada na primeira colheita. Enquanto na primeira colheita se encontra a expressão “sobre a terra” (ver Ap 14:16), a segunda colheita traz a expressão “na terra” (ver Ap 14:19). Tal expressão, ou



similar, (*εἰς τὴν γῆν/eis tēn gēn*) ocorre 13 vezes no Apocalipse e quase sempre tem o objetivo de demonstrar o julgamento dos ímpios. Por essa razão, João realiza essa mudança no texto (Aguiar, 2022, p. 404).

Outra diferença reside no fato de que, na segunda colheita, não é Jesus o possuidor da foice, mas um anjo (Aguiar, 2022, p. 404). Tal afirmação demonstra uma crença importante registrada no Novo Testamento: a perspectiva de que os anjos terão função ativa quando a justiça de Deus for estabelecida, ou seja, eles serão os colhedores de Deus (ver Mt 13:39, 41, 49) (Ashcraft, 1987, v. 12, p. 374; Ladd, 1980, p. 148).

Uma próxima diferença entre as duas colheitas é que nesta o anjo que faz o chamado à colheita vem do altar e não do santuário. Tudo indica que João aqui faz uma referência aos textos de Apocalipse 6:9 e 8:3, em que os santos de Deus suplicam por justiça, pois foram martirizados como holocaustos, e pedem vingança. Assim, tal linguagem parece direcionar a narrativa para mostrar que Deus agora responderá a súplica dos santos e demonstrará sua justiça em ação sobre os maldosos (Osborne, 2014, p. 619-620; Stefanovic, 2002, p. 457).

A aplicação da justiça de Deus é retratada pelo texto com a figura de um grande lagar⁹, onde os ímpios, representados pelas uvas, são pisoteados pelo próprio Deus (Stefanovic, 2002, p. 478). Toda essa linguagem parece ser proveniente de dois textos do Antigo Testamento, Joel 3:13 e Isaías 63 (Beale; McDonough, 2014, p. 1378).

A passagem de Joel é a única no Antigo Testamento em que ocorre as mesmas cenas de Apocalipse 14:14-20, cujo tema central é o juízo. Além disso, o texto de Joel parece conduzir seu discurso para representar, na primeira colheita, os justos, e na segunda, os ímpios. Por essas razões, pode-se acreditar na reutilização de tal texto por parte de João (Beale; McDonough, 2014, p. 1378; Stefanovic, 2002, p. 547; Earle, 2006, p. 472; Kistemaker, 2004, p. 531; Ladd, 1980, p. 150; Osborne, 2014, p. 618).

João também utiliza um discurso semelhante ao dito por Isaías no capítulo 63, na representação da execução da justiça de Deus. Os dois textos também se conectam com Apocalipse 19:13 e 15. Essas conexões permitem compreender que quem está pisando nos

9 O lagar mencionado na passagem se refere a um local que era utilizado para extrair o suco das uvas. O local era dividido em duas partes. A parte mais alta era onde as uvas eram postas e espremidas, normalmente com os pés. A parte mais baixa consistia em um tanque que coletava o suco da uva que havia sido espremida (Osborne, 2014, p. 621).



ímpios é o próprio Deus¹⁰, e é ele próprio quem faz sua justiça prevalecer (Stefanovic, 2002, p. 463; Osborne, 2014, p. 621).

Para Marcon e Lemos (2022, p. 18), Apocalipse 19:13, 15 é uma referência ao capítulo 14:17-20. Ambos seriam alusões a Isaías 63:1-6, quando Deus diz que vem de Edom (vermelho), com suas vestes com “cores vivas”, porque pisou aqueles que faziam mal ao seu povo, derramando o sangue na terra, matando-os. Com isso, Deus, na sua ira, elimina o mal e vindica o seu povo oprimido. Ele liberta o seu povo e declara culpados os opressores, julgando-os e sentenciando-os à morte. Em si, esse texto é uma referência a Gênesis 3:15, quando Deus faz a promessa de julgamento e destruição do mal, dando a vitória aos seguidores de YHWH por meio do filho da mulher, o Messias.

O texto diz que toda a terrível cena mencionada será executada fora da cidade, provavelmente referindo-se à Nova Jerusalém, que desce do céu após o milênio (ver Ap 20) e na qual nada de imundo poderá habitar (ver Ap 21:27). Dessa maneira, a segunda colheita não se refere apenas a um evento que ocorrerá logo após o retorno de Jesus Cristo, mas a todo um conjunto de eventos que serão executados desde o retorno de Cristo até após o milênio (Stefanovic, 2002, p. 462).

A JUSTIÇA DE DEUS E APOCALIPSE 14

Conhecer adequadamente o caráter de Deus leva a um relacionamento mais santo com ele e proporcionará um processo de santificação mais profundo (Campo, 2012, p. 22-25). Deus é santo e sua santidade majestosa faz com que ele seja completamente distinto de todas as suas criaturas, estando além delas. Sua santidade também se estende à moral. O Senhor age de maneira santa, determina leis santas, e executa juízos santos. Isso o torna isento de deficiências éticas e possuidor de uma excelência moral, diferentemente da que os seres humanos possuem. Dessa maneira, ao compreender a santidade de Deus, é possível compreender seus demais atributos de forma mais perfeita, uma vez que ela qualifica os demais atributos. Assim, Deus não possui justiça, mas sim, uma santa justiça (Campos, 2012, p. 323-326).

¹⁰ Para uma compreensão mais aprofundada, é válido analisar o trabalho de Marcon e Lemos (2022).



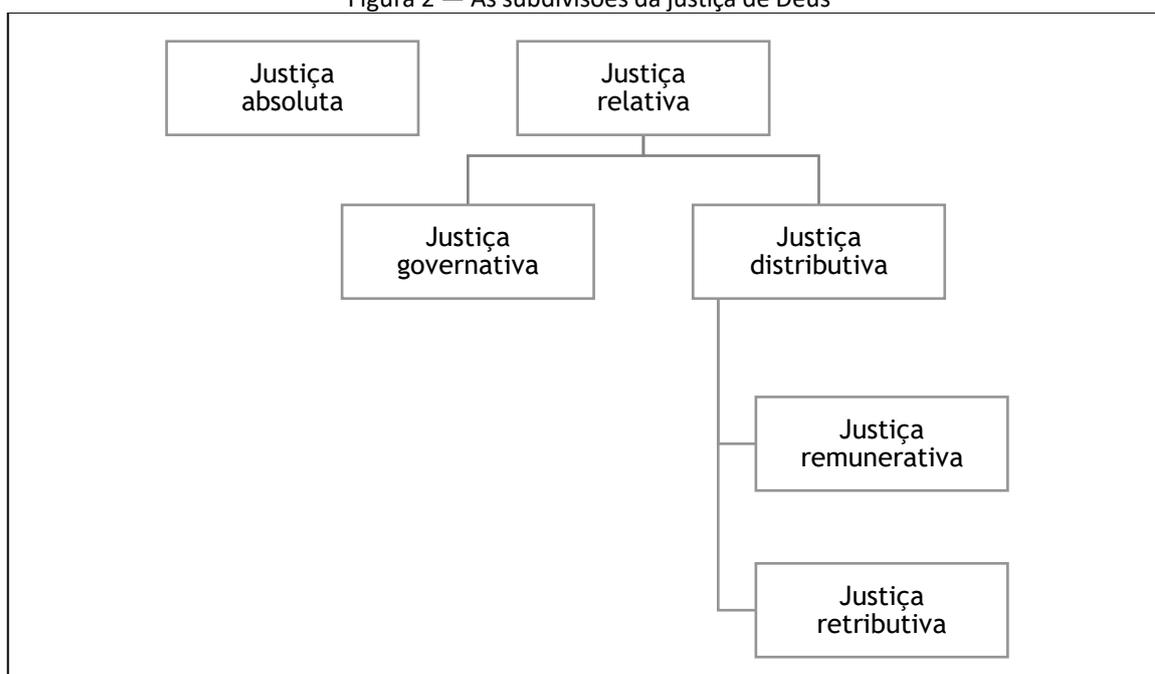
A santa justiça é um atributo moral de Deus, que é justo por natureza. Sua justiça está além do ato de promover castigos e bênçãos, isto é, vai além do conceito legal. A justiça de Deus também é promovida como uma virtude de agir em retidão, sendo ele mesmo o parâmetro definitivo do que é correto (Severa, 2016, p. 76; Grudem, 1999, p. 150).

A santa justiça de Deus é definida por Berkhof (1990, p. 68-69) de duas formas. A primeira é a justiça absoluta. Essa justiça é inerente a Deus e constitui o seu ser, sendo uma qualidade do seu caráter moral. Essa é a justiça que rege o agir de Deus (Reis, 2017, p. 12; Campos, 2012, p. 341-342).

A segunda forma de definir a justiça de Deus é pela justiça relativa (em relação a outros). Essa justiça é aquela revelada pelo seu agir. A justiça relativa é também exposta quando o Senhor exerce julgamento e dá a cada ser humano o que lhe é devido (Campos, 2012, p. 342; Berkhof, 1990, p. 69; Reis, 2017, p. 12-13).

A justiça relativa pode ser subdividida em duas: a justiça governativa¹¹ e a justiça distributiva. A justiça distributiva, por sua vez, também possui duas subclasses: a justiça remunerativa e a justiça retributiva (Campos, 2012, p. 342-348; Berkhof, 1990, p. 68-70; Reis, 2017, p. 12-15). A Figura 2 abaixo facilitará o entendimento dessas divisões. Na sequência, cada uma dessas facetas será analisada e contrastada com o texto de Apocalipse 14.

Figura 2 — As subdivisões da justiça de Deus



¹¹ O termo “justiça legislativa” será usado neste trabalho como sinônimo do termo “justiça governativa”.



Fonte: Autores, 2024.

JUSTIÇA GOVERNATIVA

Como já demonstrado, cada mensagem angélica tem como objetivo advertir toda a humanidade de que Deus reivindicará seu reino. É dessa maneira que Deus demonstra sua justiça legislativa, divulgando a todos suas vontades e demonstrando as consequências negativas de rejeitá-las e as bênçãos de aceitá-las. Durante a proclamação das mensagens, ele age como o governador moral do universo, isto é, como um governante e legislador. Sobretudo, as mensagens dos três anjos evidenciam a justiça governativa de Deus.

Para Campos (2012, p. 342) a justiça governativa pode ser definida como o ato de Deus agir como governante e legislador. Ele define:

É aquela que Deus impõe como governante dos bons e maus. Ele é o legislador e põe os homens debaixo de suas leis. Em virtude disso, ele institui o governo moral do mundo, impõe uma lei justa sobre os homens, com promessas de recompensa para o obediente, e advertências de castigo para os transgressores. Nas Escrituras com frequência Deus aparece como o legislador de Israel (Is 33.22) e de todos os outros homens (Tg 4.12). Nessa função de legislador, Deus é visto como o governador moral do universo.

Dessa forma, a primeira mensagem atua demonstrando a governabilidade divina. Por meio dela, o Senhor convida as suas criaturas a temerem-no, glorificá-lo e adorá-lo, mediante a uma mensagem de juízo. Na mensagem, o juízo e o convite são credibilizados pela alusão ao quarto mandamento, enfatizando a posição do Senhor Deus como criador de tudo que há, inclusive da humanidade.

Do mesmo modo, na mensagem do segundo e terceiro anjos, também é encontrado um Deus legislador. Na segunda mensagem angélica, existe uma advertência quanto à execução da ira de Deus, pois ele punirá a grande cidade pelas suas maldades. É uma mensagem que visa corrigir um erro. Nessa mensagem, Deus afirma a reivindicação do seu reino de justiça mediante a eliminação de Babilônia, que estava pervertendo os habitantes da terra.

O mesmo acontece com a terceira mensagem, onde são encontradas as ameaças futuras — como o tormento dos ímpios e da falsa trindade — que resultarão da rebelião contínua dos seres humanos contra o governo do Senhor e das suas santas leis. A justiça governamental de Deus fica claramente evidenciada quando João expressa, ao final da



mensagem, que tudo que foi dito até agora deve ser utilizado pelos piedosos para fortalecerem a sua fé (ver Ap 14:12-13), pois a vitória do Cordeiro é certa (ver Ap 14:1-5; 17:14; 19: 11-21). Isto é, Deus é um governador justo e agirá com retidão. Assim como ele prometeu, cumprirá.

JUSTIÇA DISTRIBUTIVA REMUNERATIVA

Analisando outras passagens de Apocalipse 14, é possível encontrar uma manifestação de justiça diferente da governativa, como as promessas de bênçãos que são cumpridas. Apocalipse 14:1-5 é o primeiro caso, texto em que é possível encontrar que os 144 mil recebendo uma benção especial como cumprimento de uma promessa do Senhor.

Por sua vez, a bem-aventurança demonstra claramente uma justiça que remunera o fiel seguidor de Deus. É nessa mensagem que a fidelidade do servo é recompensada pelo seu Senhor. Essa é uma fidelidade completa, em que o servo se coloca à disposição para morrer pelo seu Rei. Contudo, a promessa também é completa: Deus promete remunerar o servo fiel com a mais alta recompensa, a vida eterna ao lado do seu Senhor (ver Ap 7:14-17; 21:1-22:5). Também é possível encontrar uma cena semelhante em Apocalipse 14:15-16, em que, no contexto da primeira colheita, Deus é mostrado remunerando seus fiéis seguidores com o ajuntamento escatológico.

Essas cenas retratam claramente uma justiça de remuneração por parte de Deus. Campos (2012, p. 343-344) e Reis (2017, p. 13) vão categorizar a prática da remuneração como justiça distributiva remunerativa. Para eles, a justiça remunerativa é a distribuição de recompensas positivas mediante aquilo que as criaturas de Deus fazem de bom, isto é, uma recompensa mediante o relacionamento correto com as leis. Essas bênçãos, no entanto, não são meritórias, pois nenhuma criatura tem mérito advindo da obediência do seu Criador (ver Rm 3:21-26; 5:1-2; Gl 2:15-17; Ef 2:8-10; Ap 3:18-20; 5: 9-10; 7:13-17; 12:10-11; 14:4; 19:7-8; 22:14). Elas são presentes gratiosos — dons — recebidos mediante a relação pactual que o Senhor Deus primariamente estabeleceu.

Um exemplo disso é a remuneração dos 144 mil em Apocalipse 14:1-4 (paralelo com 7:1-8). O mérito do povo reside no fato de eles terem aceitado executar a parte da aliança que lhe era correspondida, isto é, suportaram a perseguição da besta e não se contaminaram com as falácias da falsa trindade, observando os mandamentos do Senhor (ver Ap 14:1-5, 7, 12-13). Os méritos da salvação desse grupo seletivo estão no Cordeiro, pois ele os comprou com o seu



precioso sangue, podendo, assim, os selar e capacitar para uma vida sem mácula (ver Ap 1:8-9; 5:9-10; 7:1-17).

JUSTIÇA DISTRIBUTIVA RETRIBUTIVA

Há uma cena de Apocalipse 14 que ainda não foi abordada: o retrato da segunda colheita, em Apocalipse 14:17-20. Ela está relacionada com a aplicação dos castigos aos ímpios, revelando outro tipo de justiça, uma que concede ao pecador aquilo que lhe é de direito. O texto descreve o próprio Deus pisando nos maldosos (paralelo com 19:11-20), como resposta às súplicas do seu amado povo que foi injustiçado pela falsa trindade (ver Ap 6:9-11; 11:15-19; 15:3-4; 19:1-4).

Reis (2017, p. 13) define a ação de Deus ao castigar os pecadores como justiça distributiva retributiva. Por meio dessa faceta da justiça divina é que Deus manifesta sua ira contra os ímpios, tendo como propósito primário a “manutenção do direito e da justiça” (Berkhof, 1990, p. 70). Para tal objetivo, Deus elimina o pecador e o pecado (Reis, 2017, p. 13). Enquanto a justiça remunerativa é uma dádiva do Pai celeste e voluntária, a justiça retributiva é uma ação necessária e consequencial devido à santidade do caráter de Deus (Campos, 2012, p. 348).

A ira divina é a manifestação do poder de Deus contra os seus opositores. Essa demonstração de poder, além de manter a justiça de Deus, também encoraja os crentes a continuarem confiando em Deus (ver Ap 14: 12-13). A ira de Deus nunca é injusta ou excede o limite, e sua revelação completa se dará apenas após o fim do tempo da graça (ver Ap 15:1, 5-8). Porém, a manifestação da ira de Deus não ocorre de forma automática, mas advém de um Deus interessado e amoroso pelos seres humanos (ver Ap 1:5; 3:19). Por isso, a justiça de Deus não pode ser observada apenas no período de uma vida humana, mas apenas de uma perspectiva eterna e escatológica, momento no qual o Senhor vindicará seu caráter (Reis, 2017, p. 13-15).

O exercício da ira de Deus é necessário devido à existência do pecado, e sua manifestação é a resposta para a eliminação dele. Desse modo, a justiça divina exige que o pecado seja punido, não necessariamente o pecador. A este é entregue o direito da substituição vicária, por meio de Cristo, o substituto (Campos, 2012, p. 351).



Nas Santas Escrituras, Jesus Cristo se relaciona com a ira Divina de pelo menos três maneiras. A primeira é que Cristo é o alvo da ira de Deus, aquele que sofre a ira com a sua morte. A segunda forma mostra Jesus como libertador, aquele que morreu para que o pecador fosse substituído. A terceira maneira é a de um agente executor, isto é, Cristo é aquele que aplica a justiça retributiva (Reis, 2017, p. 76-103).

Dessa forma, Stefanovic (2002, p. 451) assevera que a aplicação da ira na segunda colheita não deve ser confundida com emoções humanas, mas compreendida como uma reação da santidade de Deus ao pecado e à rebelião humana, sendo a resposta final de Deus aos rebeldes.

É nessa colheita que o exercício final da ira de Deus pode ser encontrado. Na segunda colheita, Deus elimina o pecado e o pecador, para que o estabelecimento da sua justiça possa acontecer. A ação divina encontrada aqui deve ser entendida levando em conta a necessidade que Deus possui de não apenas reivindicar o seu reino, mas também de vindicar seu caráter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste estudo, foi revelado que Apocalipse 14 tem seu enredo iniciado no verso de Apocalipse 11:19, o qual é uma introdução ao assunto dos capítulos 12, 13, 14 e 15:2-4. Os temas que perpassam tais capítulos são juízo, justiça e esperança para o povo de Deus em meio ao grande conflito cósmico entre Deus e Satanás, entre os fiéis e infiéis. Em especial, Apocalipse 14 parece demonstrar o esforço salvífico de Deus para o tempo do fim, mostrando a mensagem final a ser divulgada e o cumprimento do plano da salvação. Para tal, Beale sugere que Apocalipse 14 seja dividido em três partes: (1) Apocalipse 14:1-5; (2) Apocalipse 14:6-13; (3) Apocalipse 14:14-20.

No que se refere à categorização da justiça de Deus, foi evidenciado que ela está intimamente relacionada com sua santidade. A santa justiça de Deus pode ser dividida em duas categorias: a justiça absoluta, que constitui o ser de Deus e é a qualidade do seu caráter moral, e a justiça relativa, relacionada ao agir de Deus.

A justiça relativa também pode ser dividida em duas. A primeira é a justiça governativa, por meio da qual Deus se revela como governante moral do universo. Essa definição está relacionada com o fato de o Senhor conceder três mensagens angélicas, uma vez que é por meio delas que o soberano demonstra suas vontades e as consequências de aceitá-las e



rejeitá-las. Em especial, essa justiça legislativa pode ser vista na primeira mensagem angélica, com Deus convidando o povo da terra a adorá-lo. De igual forma, Deus demonstra seu governo legislativo na segunda e na terceira mensagem, ao prometer que o castigo dos ímpios acontecerá. Ao fim da terceira mensagem, é revelado também o governo legislativo do Eterno com uma palavra de conforto aos santos. Essa mensagem de conforto visa lembrar os fiéis de que Deus agirá com retidão.

A segunda divisão da justiça relativa é a justiça distributiva, relacionada ao fato de Deus distribuir bênçãos e punições. Por isso, ela pode ser entendida por meio de duas classes. A primeira delas é a remunerativa, a classe que se refere ao recebimento das bênçãos. As bênçãos recebidas, no entanto, não são meritórias, mas são resultados de um pacto feito inicialmente por Deus. Com a justiça remunerativa, é possível relacionar a salvação dos 144 mil à bem-aventurança dos justos e à primeira colheita.

A segunda classe da justiça distributiva é a justiça retributiva. Nessa classe, é encontrada a execução dos castigos de Deus contra os infiéis. Por meio da justiça retributiva é que Deus exerce sua ira. No entanto, o agir irado de Deus não deve ser entendido como injusto, ou descontrolado, mas como uma ação necessária em decorrência do pecado. Portanto, a segunda colheita, revelada em Apocalipse 14:17-20, possui a função de demonstrar a justiça retributiva de Deus em ação. Nessa cena, a ira escatológica de Deus é encontrada na reivindicação de seu reino e vindicação de seu caráter.

Assim, uma vez que este trabalho buscou responder se Apocalipse 14 revela a Justiça de Deus, é possível afirmar que sim, e o faz de três formas: a) revela a justiça de Deus como certa, isto é, nos versículos de Apocalipse 14, João transmite que Deus, de forma definitiva, exercerá Seu juízo. b) revela que Deus há de trazer a juízo cada ser humano conforme seu padrão de vida, ou seja, aqueles que aceitaram ouvir as mensagens de Cristo receberão bênçãos, enquanto os que aceitaram ouvir as mensagens da besta e de seus dois companheiros sofrerão castigo. Por fim, c) revela a justiça de Deus como um atributo do seu caráter que precisa e será vindicado junto com a reivindicação do seu Reino. Sendo assim, quando Deus exerce sua justiça, punindo o mal e libertando/salvando o justo, seus atos de justiça são vistos por todas as criaturas do Universo (ver Ap 15: 3-4; 16: 5-7; 19: 1-3).

Com isso, é possível afirmar que todas as manifestações morais e éticas da justiça de Deus encontradas em Apocalipse 14 corroboram para confirmar aquilo que já foi revelado em outras partes das Escrituras (ver Gn 18:25; Dt 32:4; Sl 11.7; 19:8; 25:8-9): Deus é justo. Tais



manifestações da sua justiça levarão suas criaturas a reconhecerem que seus atos não são fruto de um caráter injusto, egoísta ou mesmo caprichoso. Pelo contrário, revelará que ele é absolutamente justo em sua essência, garantindo a segurança, o bem-estar e a harmonia das suas criaturas e de toda a vasta criação presente no Universo.

Por fim, é perceptível que algumas questões importantes permaneceram fora do escopo do trabalho. A compreensão e as consequências da expressão “pois é chegada a hora do seu juízo”, por exemplo, e como a realidade de um possível tormento eterno afeta a compreensão da justiça de Deus, não foram abordadas. Futuros trabalhos que abordem essas duas temáticas poderão ser realizados e contribuirão para uma compreensão ainda mais profunda de Apocalipse 14.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. **“You Must Prophecy Again”**: the mission of God’s people in Revelation 10-14. 2022. Tese (Doutorado em Teologia) — Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32597/dissertations/1787>. Acesso em: 09 out. 2024.

ASHCRAFT, M. Apocalipse. In: ALLEN, Clifton. (ed.). **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987. v.12. p. 283-419.

ALTINK, W. 1 Chronicles 16:8-36 as literary source for Revelation 14:6-7. **Andrews University Seminary Studies**, v. 22, n. 2, p. 187-196, 1984. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol22/iss2/1>. Acesso em: 09 out. 2024.

ANDERSON, R. **Revelações do Apocalipse**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

BAUCKHAM, R. **New Testament theology**: the theology of the book of Revelation. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BEALE, G. **The book of Revelation**: a commentary on the greek text. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1999.

BEALE, G. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**: exegese e interpretação. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, G.; MCDONOUGH, S. Apocalipse. In: BEALE, G.; CARSON, D. (org.). **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 1318-1415.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.



BINGHAM, G. **The Revelation of St. John the Divine**: commentary and essays on the book of the Revelation. Blackwood, SA: New Creation Publications, 1993.

CAMPOS, H. **O ser de Deus**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CHOI, R. Paul and Revelation 14. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 21, n. 1, p. 223-243, 2009. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/jats/vol21/iss1/13>. Acesso em: 09 out. 2024.

DORNELES, V. (ed.). **Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. (série logos, v. 7).

DOUKHAN, J. **Secretos del Apocalipsis**: el Apocalipsis visto a través de ojos hebreos. Florida Oeste: Associação Casa Editora Sudamericana, 2008.

EARLE, R. O livro de Apocalipse. In: SOUZA, R. **Comentário bíblico beacon**: Hebreus a Apocalipse. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006. v. 10. p. 384-521.

GONZALEZ, E. A estrutura de Apocalipse 10:11-11:18. **Kerygma**, v. 9, n. 2, p. 13–26, 2013. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/79>. Acesso em: 9 out. 2024.

GRUDEM, W. A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

KIESLER, H. Cristo: Filho do homem e Cordeiro. In: HOLBROOK, F. **Estudos sobre Apocalipse**: temas gerais e exegéticos. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2021. (série santuário e profecias apocalípticas, v. 7). p. 467-487.

KISTEMAKER, S. **Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. (Coleção Comentário do Novo Testamento)

KOCH, I; ELIAS, V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LADD, G. **Apocalipse**: introdução e comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1980. (Série Cultura Bíblica).

MARCON, J. **Estudo sobre a relação entre *euangelion* e *proskyneō* em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé**. 2019. Dissertação (Mestrado em Teologia) — Faculdade EST, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/1019>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARCON, J. Do êxodo da igreja ao Monte Sião: estudo da adoração ética em Apocalipse 14. **Teologia em Revista**, v. 2, n. 2, p. 8–24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/2148040.2.2-1>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARCON, J.; LEMOS, M. Estudo exegético do significado do “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13. **Teologia em Revista**, v. 2, n. 1, p. 8–27, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/2148040.2.1-2>. Acesso em: 11 out. 2024.



MASOTTI, F.; LEITE, P. A teoria da intertextualidade e as escrituras: definições e possibilidades. **Kerygma**. Engenheiro Coelho, v. 5, n. 2 p. 63-119, 2009. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/201>. Acesso em: 02 out. 2023.

MOYISE, S. **The Old Testament in the book of Revelation**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

MÜLLER, E. Recapitulation in Revelation 4-11. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 9, n. 1, p. 260-277, 1998. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/jats/vol9/iss1/23>. Acesso em: 09 out. 2024.

OMANSON, R. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OSBORNE, G. **Apocalipse: comentário exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PAULIEN, J. **Allusions, exegetical method, and the interpretation of Revelation 8:7-12**. 1987. Tese (Doutorado em Teologia) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, 1987. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/123/>. Acesso em: 02 out. 2023.

PAULIEN, J. A hermenêutica da apocalíptica bíblica. In: REID, G. (ed.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007. p. 245-270.

REIS, E. **Introdução geral à Bíblia: como a Bíblia foi escrita e chegou até nós**. 4. ed. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016.

REIS, E. **A ira de Deus no mundo dos homens: outra face do amor divino**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

SEVERA, Z. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: A.D Santos Editora, 2016.

SHEA, W. The controversy over the commandments in the central chiasm of Revelation. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 11, n. 1, p. 216-231, 2000. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/jats/vol11/iss1/20>. Acesso em: 09 out. 2024.

SHEA, W. Literary and theological parallels between Revelation 14-15 and Exodus 19-24. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 12, n. 2, p. 164-179, 2001. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/jats/vol12/iss2/12>. Acesso em: 09 out. 2024.

SHEA, W. Paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14-15 e Êxodo 19-24. In: REIS, E.; FESTA, S.; FOLLIS, R. (Orgs.). **Princípios do fim: o Apocalipse à luz do Antigo Testamento**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016. p. 207-224. (Parousia, v. 4).

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ: commentary on the book of Revelation**. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002.



TAYLOR, R. **A conceptual model for the professional practice of Seventh-day Adventist educational administration based on the proclamations of the three angels of Revelation 14.** 1980. Tese (Doutorado em Educação) — Andrews University, Berrien Springs, 1980. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.32597/dissertations/727/>. Acesso em: 09 out. 2024.

THOMAS, R. **Revelation 8-22 an exegetical commentary.** Chicago: Moody Press, 1995.

WALLACE, D. **Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento.** São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009.